

O caráter originário do fantasma (phantom)

The originare nature of the phantom (phantom)

Sanqueilo de Lima Santos*

RESUMO: A noção husserliana de fantasma (*Phantom*), que ocorre em seu sentido técnico no §10 de *Ideen II*, diz respeito ao material sensível que se encontra, geneticamente falando, no último grau de constituição da realidade “coisa”. O fantasma é vivido como a qualidade sensível de que se tem consciência, fazendo abstração de toda atividade e espontaneidade categorial e objetivante. Por isso, o fantasma se caracteriza como algo cuja apreensão (*Auffassung*) decorre de uma passividade. É sobre o fantasma gerado sensorialmente que serão executados os posteriores atos dóxicos de posição da existência, de objetivação, que constituem a realidade da coisa, da qual se diz que os fantasmas são as “qualidades sensíveis”. Assim, os fantasmas precedem e tornam possível a realidade, mas deles mesmos é indiferente que possam ser reais ou não. São, de fato, os vividos mais originários, mas se poderia dizer que são reais? Podem ser distinguidos de fenômenos estritamente subjetivos? Nosso intento é indicar as possibilidades de respostas a essas questões.

PALAVRAS-CHAVE: Fantasma. Pré-categorial. Originário.

ABSTRACT:The Husserlian notion of phantom (*Phantom*), which occurs in its technical sense in § 10 of *Ideen II*, concerns the sensitive material that is, genetically speaking, in the last degree of constitution of reality "thing." The phantom is experienced as a sensible quality that it is aware, making abstraction from all categorial and objectifying activity and spontaneity. Therefore, the phantom is characterized as something whose apprehension (*Auffassung*) stems from a passivity. It's about the phantom sensory generated that will run the later doxic acts of position of the existence, acts of objectification, which constitute the reality of the thing, which is said that ghosts are "sensible qualities". Thus, the phantom precedes and makes possible the reality, but of themselves is indifferent that may be real or not. They are, in fact, the most original experienced, but one could say that real? They can be distinguished from purely subjective phenomena? Our intent is to indicate possible answers to these questions.

KEYWORDS: Phantom. Precategorial. Original.

* Professor assistente na Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia (UESC/BA). Doutorando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bolsista Capes.

Introdução

O termo fantasma (*Phantom*) aparece em *Ideen II* (redigido em 1912) no primeiro capítulo da obra, o qual trata da “ideia de natureza em geral”¹. Essa ideia é indispensável para as ciências naturais. Do ponto de vista desse tipo de ciência, a esfera dos seus objetos de conhecimento se define como a natureza, compreendida como universo e realidade na qual a investigação empírica pode ser praticada. Husserl tem sob o olhar, declaradamente, as ciências modernas da natureza; o que não quer dizer que esteja assentindo no conceito de ciência pressuposto pelo desenvolvimento delas. Os objetos, segundo essas ciências, são, antes de tudo, as coisas, ou melhor, as “simples coisas”, cuja definição está circunscrita no espaço-tempo e cuja existência encontra-se submetida às regularidades reais e causais. Distintos das coisas são os fantasmas; e enquanto tais, não caem sob o interesse levado adiante pelas ciências naturais modernas; pois não preenchem as condições que os façam valer como objetos seus. Mas eles são, ainda assim, um tipo de objeto que cumpre o seu papel na origem da experiência e, portanto, na constituição do objeto-coisa.

Para Husserl, no entanto, essa caracterização costumeira do objeto natural é insuficiente². Descobre-se como uma noção muito precipitada, quando se considera estritamente as “simples coisas”, encontradas no trabalho das ciências naturais. Além de haver mais do que propriedades físicas, a exemplo dos predicados práticos e de valor sobre os objetos reais, é preciso compreender essencialmente que tipo de correspondência existe entre os objetos naturais e as ciências naturais que os investigam. Quanto aos predicados práticos e de valor, não são simplesmente apagados do objeto assim que o interesse teórico da ciência natural se volta sobre eles. Esses predicados não interferem nessa classe de conhecimento graças a uma espécie de “desapego”, de “epoché” efetuada pelo sujeito³. Mas suspender as propriedades práticas e axiológicas ainda não supre todas as condições para especificar a simples coisa como objeto-coisa circunscrito no espaço tempo, portador de propriedades reais-causais. Além disso, visto que as ciências naturais são empíricas, o processo da experiência pressupõe objetos feitos, por assim dizer, sob medida; a objetividade, mesmo, mesmo quando são

¹ A palavra, nesse texto, é compreendida inteiramente no que se refere à percepção. Não se trata do fantasma no sentido de imagem, nem de fantasia produtora, nem dos casos particulares da ilusão ou da alucinação. Para os problemas fenomenológicos ligados aos atos de intuição sensível distintos da percepção, o texto de Husserl, *Phantasie und Bildbewusstsein* (1904 – 1905), trata especificamente disso.

² HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie: Zweites Buch, Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution. Husserliana IV*. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1952, p.1.

³ HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie: Zweites Buch, Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution. Husserliana IV*. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1952, p. 27.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 187-199
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

desconsiderados seus predicados práticos e de valor, faculta modos de consciência diversos e não exclusivamente teórico. Em termos fenomenológicos, para o sujeito teórico das ciências naturais, interessam os objetos-coisa constituídos de forma exclusiva e suficiente enquanto objetividade de um tipo determinado: real-causal. E o desapego prático e axiológico apenas retira predicados não-teóricos, mas como restrição mental não faz aparecer, nem produz os predicados teóricos. O problema de como essa constituição se dá, e de como pode ser exibida a “correspondência” entre o interesse científico-natural e a sua objetividade temática – enquanto simples coisa da natureza – encerra, no entanto, um problema assumido pela fenomenologia, e não pela própria ciência natural.

O fantasma enquanto objetividade pré-categorial

Se a investigação dessas relações, portanto, se caracteriza como fenomenológica, então se deve levar em consideração o papel desempenhado pelo sujeito e suas vivências na realização das ciências. E é aproximadamente esse objetivo que se cumpre no primeiro capítulo de *Ideen II*. Alcançar a ideia de natureza em geral, ideia fundamental para as ciências da natureza, requer, dessa forma, a consideração da atividade subjetiva envolvida; atividade essa que, concretamente, é muito complexa e cujo papel específico para as ciências (nesse primeiro momento, as ciências naturais) pode ser fenomenologicamente delimitado em termos de atitudes, vivências, sentidos objetivos, consciência objetiva e esferas objetivas, umas frente a outras. É diante dessa primeira dificuldade de delimitação concernente ao sujeito, que o fantasma encontra sua função e lugar na fenomenologia constitutiva. No § 10, *Coisas, fantasmas e dados da sensibilidade*, se expõe justamente essa delimitação. Ainda assim, a clareza dessa delimitação pressupõe a inserção da “coisa” no plano categorial, inscrição do fantasma em aspectos parciais de ordem categorial e pré-categorial e a limitação dos dados da sensibilidade ao pré-categorial; ou seja, pressupõe a distinção entre *categorial* e *pré-categorial*. A coisa é o objeto real, os dados sensíveis são objetividades do nível mais primitivo que mal podem ser distinguido do puramente subjetivo, a não ser como unidades *recepcionadas* na consciência do tempo originária⁴. O fantasma compartilha de alguns aspectos da coisa, sobretudo a apreensão espacial, mas não das propriedades reais-causais que integram a essência material da coisa, portanto não é uma coisa; estando a meio caminho entre os puros dados sensíveis e a coisa, pode ou não vir a se tornar uma coisa, a depender do quanto o sujeito siga a motivação da experiência, despertada por ocasião da

⁴ HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie: Zweites Buch, Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution. Husserliana IV*. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1952, p. 24.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 187-199
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

consciência do fantasma. Por outro lado, não é, tampouco, o puro dado sensível, pois se há dados sensíveis apreendidos em unidade com o fantasma eles já não estão em contínua mudança, uma vez que então recebem uma referência a sínteses cinestésicas, no sentido de sínteses de orientação espacial. A consciência objetivante opera, dessa forma, nos três casos, mas não do mesmo modo. Ela sofre uma *recepção* dos dados sensíveis, efetua uma *apreensão* (*Auffassung*) do fantasma, mas só realiza a chamada *captura* (*Erfassung*), o ato tético explícito em um primeiro surgimento da forma, enquanto ato de doação originária, quando se trata da coisa.

Em relação ao conceito de categorial, de atividade categorial, o autor de *Ideen II* remete ao que ele mesmo expôs em *Ideias I*, e que chama de “teoria das categorias”, lembrando então que “categorial” não diz respeito apenas ao que é “lógico-formal”, mas também ao elemento formal de toda região objetiva. Para entender o que isso quer dizer, algumas formas gramaticais especialmente aptas para a atividade categorial estariam incluídas na esfera categorial, bem como a formalização da aritmética. Mas, em *Idéias I*, o caso ao mesmo tempo mais geral e mais exemplar de categoria, aquele que forneceria a possibilidade de toda e qualquer objetivação, seria toda unidade resultante do ato de nominalização⁵. Disso se segue que a atividade categorial pode se exercer sobre qualquer região objetiva material, “inclusive as mais altamente materiais”⁶, e nesse trecho de *Ideen II* está em jogo a região objetiva “natureza”. E também decorre que as objetividades categoriais, as categoriais, a saber, aquelas que interessam às disciplinas lógico-formais, ou dizendo de outro modo, à ontologia formal, não precisam estar necessariamente postas de forma explícita para que haja constituição categorial, sobre quaisquer tipos de objetividade. No entanto, onde quer que haja objetividade, nomeadas, acompanhadas de um tese de existência, elas estão sempre *pressupostas* e *constituídas* e podem ser encontradas pela análise em todo caso em que haja atividade categorial, o que inclui todo e qualquer ato objetivante espontâneo, seja qual for a ontologia material na qual esse ato tenha lugar. Mas, como foi dito, há outros modos de consciência em relação ao material da experiência, e tais modos se relacionam ao fantasma e aos meros dados sensíveis.

O fantasma e os dados sensíveis, embora sejam objetividades pré-categoriais, estando, assim, aquém das condições mínimas de exceidade para subsumirem às “puras formas eidéticas vazias”

⁵ “Os conceitos surgidos das ‘nominalizações’, se são pensados exclusiva e estritamente mediante formas puras, constituem *variações formal-categoriais da idéia de objetividade em geral*, e fornecem o material conceitual fundamental da ontologia formal, incluindo todas as disciplinas formal-matemáticas. Essa proposição é de decisiva importância para a compreensão da relação da lógica formal, como lógica apofântica, e da ontologia formal universal” (HUSSERL, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Aparecida – SP: Idéias & Letras, 2006, p. 268 – 269).

⁶ HUSSERL, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Aparecida – SP: Idéias & Letras, 2006, p. 46.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 187-199
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

(vazias de toda matéria)⁷, são, contudo, pressupostos sem os quais não haveria constituição de “objeto sensível” ou de “coisa sensível”, o objeto primitivo que, segundo Husserl, são as:

...*objetividades fundantes*, noemata que já não contém nenhuma de tais indicações retrospectivas [de teses implícitas] e que são capturadas ou capturáveis originariamente nas teses mais diretas e que não se referem a teses antecedentes contribuindo para o conteúdo constitutivo do objeto, teses que têm de ser apenas reativadas⁸.

Essas chamadas “objetividades fundantes”, mesmo que não se refiram a teses antecedentes, e sejam responsáveis pela tese inicial, pressupõem, geneticamente falando, o fantasma e os dados sensíveis. Entre esses últimos, logicamente, nenhuma atividade tética tem lugar e função. Sem dúvida, na região material “natureza”, o objeto-coisa desempenha um papel fundamental. Por outro lado, se observarmos que as “meras coisas” da atitude teórica científico-natural requer uma espécie de renúncia, de *epoché*, para suspender os caracteres práticos e de valor (estético, ético, etc.), devemos admitir que a coisa sensível ou o objeto-coisa não é capturado, de regra, mediante atos dóxicos de forma exclusiva. Pois não é necessariamente visado enquanto “simples coisa”, ainda que o ato dóxico esteja presente. Nada impede que os objetos fundantes, primordiais, sejam inicialmente postos como fundantes de atos de valor e atos práticos, e apenas em um segundo momento, vividos segundo o interesse teórico predominante. Assim, os atos dóxicos presentes na constituição do objeto mais originário, podem estar desvinculados de um interesse teórico, de uma atitude teórica predominante, exercendo apenas um papel coadjuvante⁹. Em todo caso, necessita-se para o objeto-coisa operações categorias constitutivas que não se constata no fantasma e nos meros dados da sensação, ainda que já sejam objetividades, ainda que já sejam “alguma coisa”, desprovida de ecceidade. Nada impede, além disso, que, dado o interesse teórico, a ecceidade, então tematizada no ato dóxico, o qual opera a unificação, seja a contrapartida posterior de uma multiplicidade heterogênea que foi vivida pelo ego de modo separado anteriormente.

Então, surge a dificuldade de entender o seguinte ponto. Por ocasião da constituição da coisa, a atividade categorial está temática e intencionalmente direcionada para um objeto que não é uma categoria, e que tampouco é vazio como a forma eidética, significação pura de ordem categorial, mas

⁷ Ibid., loc. cit.

⁸ HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie: Zweites Buch, Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution. Husserliana IV*. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1952, p. 17.

⁹ HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie: Zweites Buch, Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution. Husserliana IV*. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1952, p.12.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 187-199
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

está, antes, sendo aplicada a um objeto material. Ora, como pode estar à disposição algo assim captável como um objeto, provido de uma essência material, se não houver pré-dados que forneçam esse conteúdo material, com o qual a “forma eidética vazia” fará a unidade? A não ser que os fantasmas tenham sido *apreendidos* previamente, e, de modo ainda mais primitivo, os dados sensíveis tenham sido *recebidos* e aceitados de modo não-ativo, não poderia haver conteúdo material previamente constituído, para possibilitar a *captura* do objeto-coisa.

Vejamos como é isso, mais detidamente.

Os fantasmas espaciais nem são algo continuamente cambiante¹⁰ como os *Empfindungsdaten*, uma vez que ainda possuem uma orientação espacial¹¹, uma referência a circunstâncias cinestésicas, ausentes nos *Empfindungsdaten*. Nem são reais como a coisa, que é real e material no sentido de que permanece a “mesma”, e ostentam uma eccidência. São um tipo de objeto espacial, estando a sua objetividade acessível sob o aspecto de unidades decorrentes de *sínteses escondidas* (sínteses implícitas de marcas distintivas, co-visadas confusas, co-apreensões confusas da possibilidade motivada). Uma vez dada a coisa, os fantasmas estão, por assim dizer, geneticamente, vinculados à coisa, são momentos não-independentes da coisa que aparece, são as circunstâncias perceptuais não-capturadas propriamente, mas apreendidas confusamente. De um modo bastante aproximativo, poder-se-ia dizer que os fantasmas são condições preparatórias, conscientes ou semi-conscientes, fora do campo da atenção, condições sem as quais não haveria, pela primeira vez, a doação direta. São um objeto, mas não do mesmo modo que a coisa o é.

Sempre que se é consciente da coisa, necessariamente se oferecem marcas distintivas que são capturadas e nas quais a atenção está focada; é do ponto de vista dessas marcas distintivas, que contém a *differentia individuans*, que consideramos algo como *uma* coisa. Nesse caso, se está diante de marcas distintivas determinadas, uma parcela das quais não são capturadas, mas são dadas junto com as capturadas. Além dessas, existem também as marcas distintivas indeterminadas, que não são dadas atualmente, junto com as primeiras, mas de cuja existência presumível se tem consciência. Elas interferem na consciência de algo, porque são “motivadas”, oferecendo-se como um horizonte de possibilidades projetado pelos raios da intenção em direções definidas, que são ativados, mas nem sempre cumpridos. São marcas distintivas “possíveis”: podem aparecer numa experiência concordante, dando um estilo unitário ao sentido de apreensão da objetividade, mas não é necessário que assim

¹⁰ “Essência material última” enquanto “substrato informe”; singularidade pura, sintaticamente informe, individual”. (HUSSLERL, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Aparecida – SP: Idéias & Letras, 2006, 2006, p.53)

¹¹ A noção de fantasma parece corresponder de forma bem adequada ao sentido que é acusado na expressão “*to/de ti*” pela reapropriação husserliana no § 14 de *Idéias I*.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 187-199
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

ocorra. Como são marcas distintivas indeterminadas, o mais comum é que a consciência delas seja uma consciência “confusa”. No caso da síntese escondida, a confusão se explica porque as possibilidades motivadas do raio da intenção, bem como os horizontes intencionais estão ativos, quando a atenção está voltada para uma marca distintiva ou um grupo delas, que não correspondem a essas possibilidades, estão atentas na realidade a outra coisa, *e.g.*, quando estou capturando, de modo atento, uma cena de uma peça, enquanto apreendo inadvertidamente o som de instrumentos que não identifico quais são. As marcas distintivas prometidas por esses horizontes e essas possibilidades permanecem indeterminadas, enquanto o foco da atenção não estiver direcionado a elas. E, se podem existir motivações de ato sem necessariamente ocorrer o ato, a possibilidade dessas marcas distintivas indeterminadas só está ativada graças às motivações, cuja essência é deixar em aberto à espontaneidade predominante seguir ou não os motivos, e elegê-los ou não para o foco preferencial da atenção. À confusão, no momento da passividade e do implícito, corresponde, graças ao constante deslizamento da apreensão, ou às mudanças de apreensão, a tese temática, a captura teórica, no momento da explicação do implícito.

Para dar conta dessas diferentes níveis de interconexões fenomenológicas, e analisar a emergência dos elementos primitivos, presentes na origem da experiência, algumas noções (distinções) operam em íntima ligação com a estratificação objetiva e subjetiva. Sacrificando a articulação sistemática delas, aqui apenas serão mencionadas de ligadas esquematicamente. Que um mesmo objeto possa ser visado pelo mesmo sujeito quer segundo o interesse teórico, quer segundo o interesse prático, ou outro qualquer, deslizando de um ao outro livremente, conferindo à mesma matéria, um ou outro valor, esse ou aquele sentido, isso é possível graças ao que Husserl designa por “paralelismo das atitudes”. A essa própria mobilidade livre da intencionalidade, inteiramente à disposição do Ego, Husserl chama de atos espontâneos, portadores da estrutura do “eu-posso”, em oposição aos atos pré-dados. Esse paralelismo quer expressar o fato de que duas ou mais atitudes podem coexistir no mesmo sujeito, ambas ou várias podem estar à sua disposição, a qualquer momento, mesmo que nesse momento uma delas esteja operando a despeito das outras. Assim, para que, apesar dessa coexistência, elas não normalmente não se misturem ou se confundam, o autor fala de uma “preeminência fenomenológica dos atos de tipo determinado”, que faz com que uma determinada fase da consciência tenha suas qualidades intencionais coerentes com determinada atitude. Os atos que definem a atitude e o interesse do sujeito em dado momento são aqueles presentes “no foco da atenção”, enquanto que as motivações de atos inatuais, frequentemente co-adjuvante, de uma atitude coexistindo paralelamente, se retraem para o chamado “pano de fundo” da consciência. Mas, nesse pano-de-fundo, a consciência não está inerte. Nele, os atos co-adjuvantes, operam sínteses

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 187-199
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

escondidas, sínteses estéticas, nem sempre claras e distintas. Esse é o lugar onde normalmente se movem os fantasmas. Todas essas diferenças são importantes para a constituição da experiência.

O caráter originário do fantasma

Tendo indicado em linhas gerais a articulação entre objeto-coisa, fantasma e dados sensíveis, passemos agora às condições sob as quais o fantasma é originário. E para tanto, devemos precisar a própria noção de originário. Husserl define a percepção direta da coisa como “uma consciência dando a existência presente de uma coisa de modo originário”¹². Originário, aqui aparece como prerrogativa da percepção em contraposição à falta de originalidade dos atos de re-apresentação, as modificações dos atos de imaginação na recordação, na fantasia. Quando se busca definir intropatia, distinguindo-a da percepção e da auto-consciência, o originário se dá na apercepção do eu, diretamente acessível a si mesmo em suas vivências, na esfera imanente, em contraste com a apresentação do outro, por meio da intropatia, de forma não originária. A intropatia nunca fornece o sentido do outro, senão por “analogia” conosco, o que quer dizer, nunca na esfera imanente do outro eu, que é originariamente dada apenas a ele mesmo. A falta do caráter originário desses atos faz com que dependam funcionalmente dos originários, com os quais estabelece uma ligação por sedimentação ou analogia; e com isso adquirem o caráter derivado, dependente o signo, mediato e até mesmo abstrato. Em contraste, quando se fala de originário, sabe-se que está em jogo a consciência de algo no presente vivo, uma consciência intuitiva. Uma mancha, um ruído são percebidos. O fantasma emerge dessas percepções. Ele é originário no sentido de que “eu *ouço* a nota de um violino”, “eu *vejo* um vulto na noite”¹³. Só não opino, nem estou em condições de opinar, sobre a coisa-objeto da qual esse vulto e esse timbre deve contar como propriedade real-causal. Além disso, os fantasmas estão estruturados na consciência do tempo originária, uma vez que os dados sensíveis, geneticamente anteriores aos fantasmas, por mais mutáveis, em contínua variação que se apresentem, não são completamente sem forma, pois se ordenam na consciência do tempo imanente. Os dados sensíveis são os mais originários, mas não possuem nenhum outro princípio de ordenação, a não ser o fluxo temporal imanente. Os

¹² HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie: Zweites Buch, Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution. Husserliana IV*. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1952, p. 19.

¹³ Husserl dá como exemplo de objetos cujo ser vivenciamos enquanto fantasmas o “céu azul”, “a lua brilhante”, as “imagens estereoscópicas”, etc., que embora nomeados, não funcionam como substrato real-causal de propriedades físicas, pelo menos no discurso da atitude ingênua, pois lhes faltariam justamente o momento da matéria, enquanto “corpo” recortado na extensão do espaço e do tempo.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 187-199
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

fantasmas são originários, na medida em que emerge da concordância de movimento e orientação espacial dos dados sensíveis, como unidades discretas, e já são o primeiro passo da constituição da coisa real. Por um lado, eles não remetem a nenhuma tese antecedente, visto que eles mesmos sequer apresentam qualquer tipo de síntese explícita, apta a franquear uma tese. Por outro lado, aquilo que se torna objeto-coisa existiu, em sua primeira forma de presença para a consciência, como fantasma, e depois de formado é não-independente da série dos fantasmas. Esses preparam os atos categoriais, mas preparam a partir do conteúdo material mais originário, último, sob a feição de “sínteses estéticas”, nas quais está inclusa a dos elementos proprioceptivos.

O papel do fantasma experiência

Cabe agora levantar a seguinte dificuldade. Qual a razão para inserir o fantasma entre os meros dados sensíveis e o objeto-coisa? É preciso colocar essa questão já que todo o conteúdo material a ser informado na primeira operação dóxico já está dado na recepção passiva da sensibilidade. Por outro lado, a identidade de um objeto, um *to/de ti*, não se forma antes que surja o primeiro ato dóxico. O fantasma parece sobrar, já que não é verdadeira passividade, nem verdadeira atividade; comporta sínteses, mas sínteses efetuadas à revelia da atenção do sujeito, e as unidades que emergem nessas sínteses são “confusas”, comparecem no pano-de-fundo da consciência. Essas constatações sugerem que o fantasma é uma entidade tranquilamente dispensável na economia conceitual destinada a elucidar a coisa-objeto da atitude teórica-científica natural. No entanto, essa sugestão só seria seguida, sob o pressuposto de que a experiência procede sempre de forma lógica, sem erros, sem “decepções”, sem ambigüidade; como se o cumprimento das normas racionais fosse, por si só, suficiente para a atitude teórica alcançar êxito em qualquer esfera objetiva. Em *Erfahrung und Urteil*, Husserl expõe uma complexa diferenciação e articulação entre os elementos pré-categoriais e categoriais na gênese da experiência e do juízo de experiência. Há, na experiência, enquanto “fantasmas”, bonecos de cera, que, de longe, parecem homens reais; há ruídos que não são identificados e que parecem vozes e murmúrios; antes que as estruturas lógicas estejam amadurecidas são atribuídos realidade, causalidade e identidade objetiva ao fantasma. Por exemplo, quando uma criança se atemoriza de uma mancha ou vulto, atribuindo-lhes realidade substancial e vida própria, houve uma precipitação da atividade categorial, não por deficiência lógica especificamente, mas principalmente porque o repertório de nexos de possibilidade motivados construídos a partir da experiência ainda se encontra muito reduzido e o mínimo de fantasma já é suficiente motivador para

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 187-199
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

constituir realidade física e psíquica ao seu conteúdo. Quando o sujeito dispõe do uso ativo das estruturas lógicas, a experiência não perde os fantasmas, eles apenas são relocados em contraste com a coisa-objeto, a um plano em que, comparados à realidade causal, possui marcas indefinidas, não alcançou plena ecceidade, se sustenta, fragilmente, por meio de sínteses cinestésicas, no pano-de-fundo da consciência. Por isso, podem motivar crenças errôneas, teses apressadas, com o que devem ser conhecidos em sua íntima estrutura. Dificilmente há fantasmas que se sustente num plano genuína mente intersubjetivo (é quando se encontra sozinha que nasce, na criança, o medo de fantasma). A crise do fantasma resulta de uma situação, fenomenologicamente determinada, a saber, aquela em que a “minha” orientação cinestésica se confronta com uma orientação cinestésica distinta, a de um outro-eu, com referência ao mesmo ente que aparece.

Conclusão

O fantasma é um objeto espacial e assim já conscientemente apreendido como objeto; e alguém interrogado sobre o fantasma dirá que tem consciência de ter visto ou ouvido algo localizado no espaço, mas sem poder determinar o substrato dessas impressões, o que equivale a dizer que não atinge as condições necessárias para conferir-lhe um nome. O ato de nomear é um ato categorial, a forma nominal implica insere o nomeado na categoria de algo que pode se sujeito gramatical, passível de predicação; mas o fantasma, por não ser capturado, por não estar sob o foco da atenção, não se faz tema de nenhuma atividade categorial. Se o seu conteúdo, porém adquire estabilidade local e espacial, a atividade categorial se torna possível e nesse caso, não estamos mais diante de um fantasma, mas sim de uma coisa.

O fantasma, embora encerre geneticamente a condição necessária para a objetividade, não possui todos os pré-requisitos de uma “realidade”. Ele ostenta uma “mesmidade” presumível, motivada, mas não necessária, nem empiricamente alcançada. Ao dizer que essa mesmidade é motivada, na acepção husserliana isso significa que os dados sensíveis, tomados em conjunto, colocam possibilidades prosseguir nas vivências de sensações, possibilidades essas que circunscrevem um horizonte intencional, vazio, mas que ao ser preenchido intuitivamente, pode franquear a percepção de um e o mesmo objeto.

Por essa razão, o fantasma está a um passo da constituição, prepara a constituição de objetividades, mas apenas com a multiplicidade de aparições ingentes no fantasma, não se dá ainda o

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 187-199
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

acordo da experiência, nem a regularidade de aparições, sempre exigidas na apreensão de toda objetividade real.

Frequentemente se dá o caso em que temos consciência de alguma coisa, com base em dados sensíveis e em algumas sínteses de orientação espacial, mas não em número suficiente para chegar a capturar algo, algo que permaneça o “mesmo” e permita que se lhe aplique a categoria nominal. Então, nesse não temos condição de precisar se se trata de algo real ou apenas aparições motivadoras da crença em algo real, o qual poderia não existir de fato. É para descrever esse caso, em que o mais originário da experiência ainda se encontra aquém da constituição e prepara a constituição de certa forma, e para nomear esse caso, que o conceito de fantasma é usado em *Ideen II*.

Sempre que na experiência se constitui algo real, algo como uma coisa, têm-se um ato objetivante. Esse ato pressupõe as aparições de dados sensíveis, mas como nem todo dado sensível sucede acompanhado de um horizonte intencional, que motive possibilidades de percepção, e, mesmo quando há esse horizonte, nem sempre a atenção segue todas as possibilidades motivadas de preenchimento intuitivo, muitos elementos do dado sensível (cores, ruídos, silhuetas, etc.) podem permanecer indefinidamente no nível pré-categorial e pré-objetivante. O fantasma se dá no caso em que existe o horizonte intencional e as possibilidades motivadas, e é no seu caso que uma objetivação constitutiva é possível. O que produz esse horizonte intencional no fantasma são as sínteses cinestésicas, que são sínteses de crescente orientação espacial, que se desenvolvem à medida em que o sujeito executa movimentos livres com o seu corpo.

A importância do tema do fantasma em *Ideen II* reside, a nosso ver, em que o problema assumido por Husserl nessa obra, a constituição das objetividades na natureza e no mundo espiritual, precisa dar conta do processo subjetivo que antecede as objetivações das singularidades individuais, as coisas, que são os objetos fundantes últimos. Porquanto a realidade e a validade da pretensão de haver constituído esses objetos dependem totalmente de sua origem intuitiva, e o fantasma corresponde a uma fase essencial dessa doação originária, anterior ao ato objetivante. De fato, o fantasma, como mesmidade espacial sensível motivada (o que significa de algum modo, provável, presumida, potencial), instável nessa mesmidade, não é algo que se esgota no puramente subjetivo, como seria o objeto da pura fantasia, a imagem ou a imagem de fantasia, como fenômenos irrealis. O fantasma (*Phantom*) cinestésico já mantém, desde sua primeira aparição, o sentido de uma ligação essencial com a realidade, que, embora não capturada, se franqueia, nas motivações geradas pelo fantasma, como realidade “possível” e motivada no percurso de uma experiência concordante. Uma investigação sobre a constituição que leve em consideração o ato categorial e o ato de captura perceptiva, sem atentar para as vivências sensíveis que se unem sob a instabilidade (tendendo à estabilidade) do

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 187-199
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

fantasma, não teria como descrever o que acontece no nível pré-categorial e pré-objetivante, nem o papel da passividade e da receptividade, e induziria a supor, apressadamente, que apenas a percepção acabada contém doação *originária* de conteúdos sensíveis. Induziria, também, erroneamente a acreditar que as vivências de percepção, em cada caso, aconteceriam como um ato simples, indecomponível, sem precedentes de vivências que o preparasse, inexplicavelmente destacado do fluxo da consciência, e da corrente de vivências, que, como diz Husserl, está isenta de “solução de continuidade”. Sem o fantasma, as noções de horizonte intencional e de síntese pré-categorial, cinestésica e a de possibilidades motivadas pareceriam pressupor objetividades já constituídas, com base nas quais essas possibilidades intencionais dariam as opções de direções a serem seguidas pela atenção. Mas, na verdade, *a constituição é que pressupõe o que é, fenomenologicamente, anterior à objetivação*, ou seja, o fantasma e todos os elementos de passividade, materialidade, receptividade e horizonte de sentido que o descrevem.

Referências

HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie: Zweites Buch, Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution. Husserliana IV.* Netherlands: Martinus Nijhoff, 1952.

_____, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura.* Aparecida – SP: Idéias & Letras, 2006.

_____, Edmund. *Expérience et Jugement: Recherches en vue d'une généalogie de la logique.* Paris: Presses Universitaires de France, 1970.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 187-199
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------